

O SAGRADO E A NATUREZA: A ANIMA MUNDI DOS ALQUIMISTAS COMO RESGATE DO FEMININO NA ESPIRITUALIDADE

*Luiz Alberto de Lima Boscato**

Está muito em voga a utilização do termo “natureza” como referência para um modo de vida mais adequado, para uma visualização de outras possíveis dimensões no tocante à existência humana ou mesmo como ponto estratégico para uma ação política. Tal fenômeno começou a ganhar maior impulso a partir dos movimentos de contestação juvenil dos anos 60, que ficaram conhecidos pelo nome de *contracultura*.

É necessário diferenciar a *natureza* como *espaço geográfico*, palco da atuação concreta do homem através da ocupação de territórios, da extração de matérias-primas para a indústria ou da pesquisa científica, da *Natureza* como *arquétipo* presente de maneira marcante no inconsciente coletivo da humanidade, desde os seus tempos primordiais:

Olhando para trás na história, podemos dizer que o que vemos agora como duas coisas, e que, por motivo de clareza, tentamos manter separadas, a saber, aquilo que em termos junguianos chamamos de inconsciente coletivo e aquilo que em termos de física chamamos de matéria, eram, para a alquimia, sempre uma única coisa. Vocês sabem que Jung também estava convencido de que eram ambos a mesma coisa desconhecida, só que num dos casos observada de fora, e no outro, de dentro. Se você a observa com a abordagem extrovertida, de fora, então você a chama de matéria. Se você a observa com a abordagem introvertida, de dentro, você a chama de inconsciente coletivo.¹

Sob esse aspecto simbólico, a Natureza assume, não raro, uma personalidade feminina, a da *Mãe Natureza*, a da *Grande Deusa* ancestral, que estabelece com os seus filhos, os seres humanos, uma relação de sintonia e de sincronicidade. Mais do que isso, a Natureza, como entidade reverenciada, coloca-se na dimensão de profetisa, de



Figura 1

portadora de uma revelação, de guia para a humanidade, como na Figura 1, extraída da *Atalanta Fugiens*, de Michel Maïer, de 1618, na qual “o alquimista, representado como um cavaleiro armado, é guiado pela Natureza em seu combate contra o Fogo”².

A Natureza costuma aparecer nua nos desenhos elaborados com base na mística dos alquimistas. Sua sensualidade e seu despojamento de qualquer roupa apresentam-se como o testemunho de pureza, de energia da vida em estado mais livre e espontâneo, sem as amarras impostas pela civilização. O seu corpo erótico assume a dimensão do sagrado na medida em que orienta o alquimista para a descoberta da sua vitalidade e dos seus Mistérios, simbolizados, aqui, pelas chamas, da mesma maneira que uma bela

mulher seduz um homem para que ele descubra o doce mistério que há no templo do seu amor, no qual também o seu corpo ganha a dimensão de portal de um universo mágico e onírico que somente a condição feminina pode revelar.

Desta forma, a Natureza induz o alquimista a desvendar o que há por trás do seu véu de Ísis, a dimensão divina dentro da *matéria*, palavra que, não por acaso, é derivada do latim *mater*, que significa *mãe*. A visão de mundo alquímica considerava a matéria como o corpo externo da Mãe-Natureza, da Deusa alquímica também chamada de *Anima Mundi*: a “Alma do Mundo”. Como uma dama envolvente, apesar da sua timidez, somente ela poderia revelar ao alquimista as chaves para alcançar o seu grande e insondável mistério:

Devido à tendência extrovertida da história da Ciência, modernos historiadores da química sempre traduziram *theion* por enxofre, mas há contextos nos quais este significado é extremamente duvidoso, podendo perfeitamente manter o outro significado, de um misterioso material divino, o mistério de Deus na matéria. A curiosidade do homem, que o levou a fazer experiências com as substâncias, sempre se baseou na idéia de que, indiretamente, ele poderia descobrir mais acerca da Divindade, ou do mistério divino, o mistério definitivo da existência.³

Da mesma forma que em tradições matriarcais, como o tantra indiano ou o culto às deusas pagãs, a alquimia não separa os planos físico e material da Natureza do mundo do sagrado, antes considerando-os como o portal para o divino.

Mesmo no cristianismo, o culto ao feminino ainda buscou sobreviver à repressão da Igreja oficial, de tendência patriarcal, pela devoção a Maria:

Não são poucos os Padres que denunciam a contaminação do culto marial pelo culto pagão às deusas, especialmente entre os montanistas e os “coliridianos”, conhecidos como grandes veneradores de Cibele (eram frígios). Escreve Santo Epifânio: “Outros, em sua loucura, querendo exaltar a Virgem, colocaram-na no lugar de Deus.”⁴

Mesmo a conhecida oração católica que chama Maria de “Mãe de Deus”, e não de Mãe do Filho de Deus, guarda um parentesco com a crença alquímica de que a Natureza é a mãe da substância divina, a pedra filosofal, escondida nas entranhas da matéria. Mas o patriarcalismo reduziu a figura de Maria a uma simples coadjuvante do Deus masculino, além de haver excluído do culto mariano o caráter sensual que havia no culto às deusas antigas:

Nos cultos pagãos se celebram as virgens que se fazem mães mediante uma relação sexual-genital com o deus; há portanto uma verdadeira inseminação no sentido direto desta palavra; com Maria a fé crê ter havido uma suplência de varão; uma virtude (*dynamis*) divina, o Espírito Santo, atuou nela e a assumiu para fazê-la seu templo vivo e substancial.⁵

O ritmo de vida frenético da sociedade industrial quebrou, em boa medida, essa ligação homem/natureza. Mas, para isso, também contribuíram as ortodoxias religiosas, que renegaram ou, no mínimo, reduziram o poder feminino em nome do culto ao Deus-Pai, depositando suas esperanças de vida em um mundo além, alcançado somente após a morte da matéria ou com a chegada do Juízo Final, o que pode predispor à aceitação da destruição da natureza e do planeta Terra em si como um fato normal e até justificável. Tais visões de mundo tendem a considerar, portanto, a natureza mais sob o seu aspecto *extrovertido*, o de um espaço geográfico que não oferece nenhuma possibilidade de ascese espiritual, do que sob o seu aspecto *introvertido*, como um ente feminino vivo, que nos indica a descoberta de uma realidade espiritual panteísta, inserida nas próprias entranhas do corpo da Natureza, formado pela sua matéria. No entanto, tais visões nem sempre estiveram separadas: os alquimistas, com o elemento de experimentalismo científico aliado a uma visão mágico-vitalista da realidade, são, talvez, um dos maiores exemplos da tentativa de conciliação entre as abordagens *extrovertida* e *introvertida* da Natureza em toda a história da humanidade:

a alquimia e a filosofia não se opunham como muitas vezes se disse, pelo contrário se complementavam. Não somente os alquimistas eram chamados de filósofos⁶ e buscavam por isso a pedra “filosofal” – como a sua arte era “a tentativa de junção entre o discurso científico e o simbólico.”⁷ O alquimista se apresentava entre o sábio e o ignorante, entre os procedimentos espirituais e os materiais, pretendendo atuar como uma ponte que os aproximasse. A alquimia implicava um processo cognitivo nos dois planos, um racional e experimental, outro divino e colocado além da razão.⁸

Também Carl Jung, cuja psicanálise do inconsciente foi profundamente influenciada pela simbologia alquímica, evidencia a ligação da *Ars Magna* com a natureza. Jung considera o mundo natural como sinônimo de inconsciente coletivo:

Enquanto na Igreja a diferenciação crescente de rito e dogma afastava a consciência de suas raízes naturais no inconsciente, a alquimia e a astrologia se empenhavam incessantemente em preservar da ruína a ponte que as ligava à natureza, isto é, à alma inconsciente.⁹

Sallie Nichols, que foi sua aluna no Instituto de Zúrique, continua essa reflexão nos seguintes termos:

O atual renascimento da figura feminina talvez seja uma reação compensatória à degradação do elemento feminino em nossa cultura ocidental.

Em resposta a um desequilíbrio cultural semelhante, os alquimistas pintavam, não raro, uma figura feminina na mandorla. Chamavam-lhe *anima mundi*, ou alma do mundo. Concebiam-na como força engastada na matéria, que animava todos os corpos, desde as estrelas do céu até os animais, as plantas e os elementos da Terra. A tarefa de toda a vida do alquimista consistia em libertar a *anima mundi* do seu encarceramento na *prima matéria* da natureza inconsciente. Que ela representava qualidades não dissimilares das do Mundo do Tarô¹⁰ evidencia-se pelo comentário de Jung a seu respeito: “A idéia da *anima mundi*”, diz ele, “coincide com o inconsciente coletivo, cujo centro é o próprio eu”. Ele a caracteriza mais como “o guia da humanidade” que é, por sua vez, “guiado por Deus”.¹¹

Uma conhecida representação pictórica da *Anima Mundi* (Figura 2) a dispõe como uma mulher solar: uma luz se irradia dos seus órgãos genitais, emitindo os raios de uma energia vital, que anima todo o mundo manifesto. Indo ao encontro da noção tântrica de que a energia sexual é a base da vida, essa irradiação, que se expande rumo ao Todo na forma de uma elipse, não somente gera, como mantém e regenera a vida do universo. Tal obra foi desenhada em 1574, o que nos leva à constatação de que, pouco mais de trezentos anos antes da descoberta científica da libido, por Freud, os alquimistas já faziam uma associação entre sexualidade e vida dentro de uma concepção mais abrangente, dentro de uma ordem cósmica. A mulher arquetípica, que irrompe do centro dessa representação pictórica como a presença viva da Alma do Mundo, não somente vitaliza e sensualiza cada elemento dos reinos mineral, vegetal e animal (incluindo o humano), como também se apresenta na condição de um portal de comunicação entre o mundo manifesto e o oculto, conciliando os opostos: “Encadeada ao Pai e ao Filho no mercúrio, gênero simbiótico da unidade, a Alma do Mundo funciona como um mediador conectando o reino do corpo com o reino do espírito”.¹²

O autor encadeia a *Anima Mundi* “ao Pai e ao Filho” na unidade, ou seja: os alquimistas reconheciam a Alma do Mundo como o elemento feminino da Santíssima Trindade, como o Espírito Santo. Isso tem raízes até mesmo na representação figurativa do Espírito Santo, sob a forma da pomba que desceu sobre Jesus no momento do seu batismo por João Batista, transformando-o no Cristo: a pomba é um arquétipo conhecido da feminilidade e liga-se a valores igualmente femininos, como a paz e a liberdade. Consta-se, pois, que os alquimistas empreenderam o resgate do feminino na espiri-

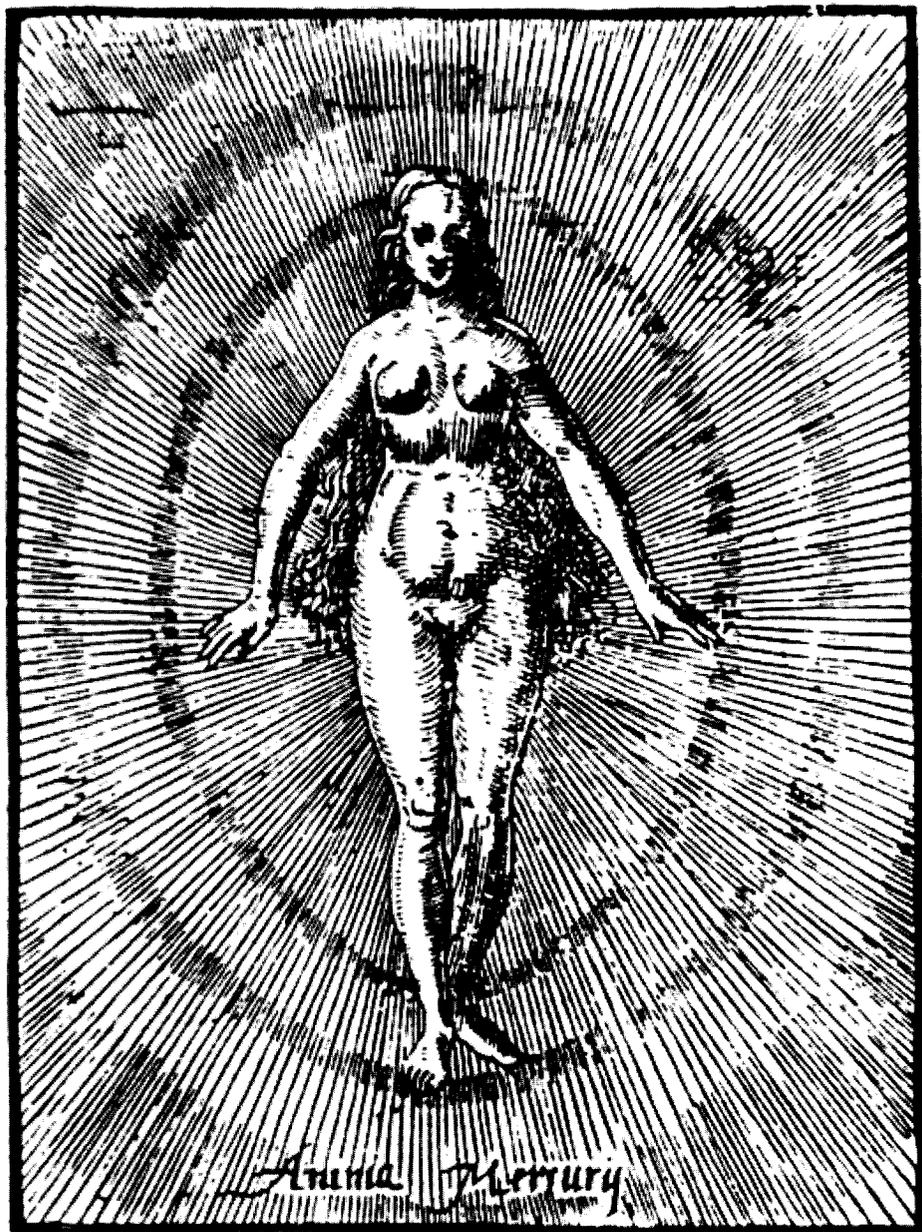


Figura 2

tualidade numa época em que as condições não eram tão favoráveis assim para este ousado empreendimento, servindo de inspiração para a atitude de alguns teólogos católicos dissidentes contemporâneos, como o ex-frei Leonardo Boff: “O Espírito Santo é feminino em hebraico (*ruah*)¹³ e está sempre associado ao mistério da Vida, da Graça, da Geração como no caso de Maria que, sob a potência do Espírito Santo, concebeu Jesus Cristo”.¹⁴

É claro que certos dogmas básicos do cristianismo, como o da concepção de Maria pelo Espírito Santo, continuam a ser válidos para Boff. No entanto, o teólogo rompe, em larga medida, com o patriarcalismo da ortodoxia católica ao afirmar:

Se admitirmos que o ser humano enquanto masculino e feminino é verdadeiramente semelhante a Deus, então somos induzidos, pela lógica da própria afirmação, a admitir que Deus mesmo é prototipicamente masculino e feminino. Na ocorrência que nos interessa, o feminino do ser humano constituiria um registro revelador do feminino de Deus.¹⁵

Logicamente, a forma devocional que a religiosidade humana assume está ligada a um contexto histórico e cultural específico. A emergência do paradigma patriarcal na civilização humana fez com que a divindade, o Criador do universo, adquirisse um caráter eminentemente masculino, o que criou, na mentalidade religiosa daí derivada, o desprezo pela matéria, corpo manifesto da antiga divindade feminina e reservatório das energias vitais, em detrimento de um além assexuado que se impõe como o único caminho possível para a salvação da alma. O arquétipo feminino da espiritualidade fica assim renegado à maldição e à condenação eterna em suas próprias chamas, outrora benevolentes, visto que “os símbolos da maternidade estão estreitamente ligados àqueles da terra princípio vital por excelência”.¹⁶

Mesmo assim, a magia feminina pagã despertada pelas deusas do período matriarcal da história humana ainda teimava em se manifestar, ainda que debaixo das vestes da Maria cristã:

Convertendo-se, os pagãos, veneradores de suas deusas e virgens, substituíram os nomes pagãos por aquele de Maria. Não raro conservaram a forma ritual, a figura da deusa virgem, trocando apenas o nome.¹⁷

Como um dos exemplos, Boff cita a deusa Hera:

Na atual imagem da Madonna del Granato em Paestum nota-se uma identificação total, até nas minúcias, com a antiga Hera agiva, inclusive o melodrama misterioso simbolizando

a fecundidade. O que houve foi apenas uma pura e simples substituição. Compreende-se: os pagãos convertidos, venerando de forma tão pura Hera, que apresentava somente atributos positivos, aprendiam a ver em todas as coisas verdadeiras e santas do passado pre-parações, profecias e antecipações da verdade agora comunicada. Viam em Hera o culto da Virgem mãe incógnita, daquela que nos trouxe o Salvador. A deusa pagã era símbolo da verdadeira realidade de Maria.¹⁸

Se analisarmos o sentimento religioso do ser humano em suas formas mais espontâneas, perceberemos que a contraposição cristão/pagão constitui-se de maneira forçada à medida que a Igreja católica buscava deslegitimar o “outro”, o seguidor de cultos que não eram os cristãos-romanos e que estavam, portanto, fora da sua dominação político-religiosa. Ao contrário das ortodoxias, que buscam a afirmação do “nós” contra “eles”, os “diferentes de nós”, as tradições espiritualistas heterodoxas, assim como muitas dentre as chamadas “religiões populares”, buscam o ecletismo, a mescla entre várias tendências, a “conciliação das oposições”. A Alma do Mundo dos alquimistas tem os seus antecedentes culturais e históricos.

A deusa alquímica é paralela à mulher do Apocalipse, a qual também exibe uma coroa de doze estrelas; às deusas da Lua da Antiguidade; à sapiência do Velho Testamento (a sabedoria); e à deusa egípcia Isis, que também tinha cabelos escorridos, uma meia lua em seu ventre, um pé sobre a terra, o outro sobre a água.¹⁹

O autor desse texto colocou a *Anima Mundi* na categoria de “deusa alquímica”. Talvez a diferença maior entre ela e as deusas pagãs resida no fato de que a *Anima Mundi* se aproxima da noção de *Gaia*, uma entidade feminina maior, que assume para si o planeta Terra como um todo e contém, em seu corpo externo, a Natureza, todas as outras deusas. Vejamos o que diz sobre ela a pesquisadora Ana Maria Alfonso Goldfarb:

A “experiência” alquímica européia era muito mais uma “vivência” mágica, do que um experimento científico, pois que se fundava numa concepção animista da natureza, na qual tudo é movido por uma “alma” da qual a alma humana participa. Mas exatamente isso possibilitaria o estreito paralelismo entre o que acontecia com a matéria, durante sua transmutação, e o que ocorria na alma do alquimista.²⁰

A autora tocou em um ponto-chave da visão alquímica de mundo: *a alma do homem participa da Alma do Mundo*. Homem e Natureza formam uma unidade!



Figura 3

Há uma representação alegórica na qual uma criança que representa o mercúrio, um dos nomes utilizados para designar a substância divina oculta na matéria, está sendo amamentada pela Alma do Mundo (Figura 3)²¹. Ela ocupa o centro da configuração pictórica e, aos seus pés, uma cabra e uma loba igualmente amamentam outras crianças mercuriais, o que, não por acaso, guarda uma similaridade com o mito fundador de Roma: a amamentação de Rômulo e Remo por uma loba. Cada animal ocupa um canto da base da figura, formando, com a Mãe-Natureza, uma triangulação, remetendo-nos à trindade arquetípica e à forma geométrica mais simples concebida pela mente humana. Chama-nos a atenção a ternura que se irradia da cena, fator ao qual o leitor poderá

atentar se explorar os detalhes da linguagem visual da obra. No entanto, em uma outra leitura possível, também podemos compreender essas criança mercuriais como protótipos do ser humano em sua ligação vital com a Natureza, quando a Alma do Mundo, como mãe arquetípica, acalenta-o no colo e embala os seus sonhos.

Os ecologistas modernos e os amantes da Natureza resgatam as reminiscências de algo que nos é ancestral. Da mesma forma, a retomada da dimensão feminina na espiritualidade, em manifestações que vão desde o cristianismo humanizado de Leonardo Boff até o retorno das bruxas, com o seu culto às deusas pagãs, sob a forma modernizada da magia Wicca, enquadra-se em um movimento coletivo muito maior, do qual, geralmente, não percebemos os efeitos.

Em gargantilhas usadas hoje, especialmente por mulheres, vêm-se pingentes, em que é representado o encontro do Sol e da Lua, como se estivessem fazendo amor no cosmos. Muitas vezes, tais figuras são usadas sem que se saiba serem representações do Masculino e do Feminino arquetípicos, na imagem que os alquimistas chamavam de *unyo mística*. Há, portanto, presença de forte apelo vital que retorna ao inconsciente coletivo. Talvez nem devêssemos dizer que “retorna”, visto que a riquíssima simbologia alquímica jamais saiu desse inconsciente:

Tampouco seria válido esquecer, em nome de um cientificismo soberano, o quanto a simbologia alquímica povoou e continua povoando os sonhos do ser humano, provocando importantes reações emocionais que determinarão, quase que necessariamente, seu processo intelectual.²²

A mesma autora sonda o possível significado da presença constante da *unyo mística* no uso simbólico coletivo:

A partir do princípio de que o mais alto provém do mais baixo e vice-versa²³, e de que tudo é obtido do único por meio da conjunção dos opostos, a obra, partindo da união do Sol com a Lua, engendra o sopro vital: o mercúrio, cuja aura é a terra.²⁴

Chegamos, então, a uma sugestão acerca do que os sinais do coletivo desejariam dizer, ainda que de maneira inconsciente. O ser humano retoma hoje, com frequência, o simbolismo alquímico da conjunção Sol-Lua na busca, mesmo, de insuflar aquele sopro vital que vem das suas raízes na Terra. É a busca da humanidade pelo reencontro com o seu elo perdido, o filho da Alma do Mundo, o Mercúrio filosófico oculto nas entranhas do nosso planeta, a criança mercurial massacrada por séculos de desprezo pela vida humana e pelo nosso ecossistema.

A voz da Terra volta a se manifestar, por vezes, sob a forma de um gesto doce, outras vezes sob a forma de um grito. E, ao alquimista indeciso dos tempos modernos, parecem ecoar novamente aquelas mesmas admoestações que a Alma do Mundo, com a graça que lhe é costumeira, fazia aos ancestrais da Grande Arte: “Vem cá, mestre maluco, o que estás fazendo com meu filho Mercúrio? Por que o atormentas? Por que o injurias tanto, se ele deseja te fazer tão bem, caso quisesse ouvi-lo?”.²⁵

Notas

* Mestre em História pela FFLCH, USP.

¹ Cf. Von Franz, M. L. *A alquimia e a imaginação ativa*. São Paulo, Cultrix, 1998, p. 17.

² Esta representação pictórica e o comentário transcrito foram encontrados na obra de de Serge Hutin, *A tradição alquímica – A pedra filosofal e o elixir da longa vida*. São Paulo, Pensamento, 1983, p. 41.

³ Cf. Von Franz, op. cit., p. 18.

⁴ Conferir a obra de Leonardo Boff, *O rosto materno de Deus – Ensaio interdisciplinar sobre o feminino e suas formas religiosas*. Petrópolis, Vozes, 1986, p. 228. Consta, nesta página, que a citação de Santo Epifânio vem do *Panarion* 78, 23, pp. 42,736 B.

⁵ Idem, ibidem, p. 228.

⁶ Crisciani e Gagnon. *Alchimie et philosophie au Moyen Âge – Perspectives et problèmes*. Montreal, Univers, 1980, pp. 24 e 72.

⁷ Allard, G. H. La pensée symbolique au Moyen Âge. *Cahiers internationaux de Symbolisme* 21, 1972, p. 12.

⁸ Crisciani e Gagnon, op. cit., pp. 50-1. Este trecho e as citações que o acompanham foram retiradas da tese de livre-docência de Hilário Franco Júnior, *Ensaio de mitologia medieval*, Universidade de São Paulo, FFLCH, 1993, p. 315.

⁹ Cf. Jung, C. G. *Psicologia e alquimia*. Petrópolis, Vozes, 1994, p. 44.

¹⁰ Aqui, a autora refere-se ao Arcano XXI do Tarô: “O Mundo”, símbolo da totalidade do Universo e da confluência dos quatro elementos (ar, fogo, terra e água) para a interação com uma figura central, que é uma representação da *Anima Mundi*. No Tarot de Marselha, os quatro elementos encontram-se representados nas pontas desta composição nas figuras, respectivamente, da Águia, do Leão, do Touro e do Anjo. Da mesma forma que em muitas representações alquímicas, a *Anima Mundi*, ao centro, encontra-se envolta em uma mandorla, que é uma espécie de elipse.

¹¹ Cf. Nichols, S. *Jung e o tarô: uma jornada arquetípica*. São Paulo, Cultrix, 1995, p. 346.

¹² Verificar a obra de Johannes Fabricius, *Alchemy – The medieval alchemists and their Royal Art*. Londres, Diamond Books, 1994, p. 46.

¹³ Segundo Boff, na p. 94 de sua obra, devemos conferir tal informação em Manaranche, A. *O espírito e a mulher*. São Paulo, 1976, com rica bibliografia; Philips, G. “Feminité de ‘la’ Ruach”. In: *Le Saint Esprit et Marie dans l’Eglise e Vatican II et prospective du problème*. *Bulletin de la société française d’études mariales*

25. 1968, pp. 29-33; a *Didascalalia* (Funk, F. X. *Didascalalia*. Paderborn, 1905, t. I, p. 105) compara as diaconisas ao Espírito Santo: “Vós honrareis as diaconisas como tipos do Espírito Santo...”. As *constituições apostólicas* (fim do século IV) VIII, 9,2 (Funk, op. cit., p. 525) traz a seguinte oração para as diaconisas: “Ó Deus... que enchestes de vosso espírito a Maria, Débora, Ana e Holda... atirai vosso olhar sobre vossa serva. Dai-lhe vosso Espírito Santo...”.

¹⁴ Cf. Boff, op. cit., p. 94.

¹⁵ Idem, *ibidem*, p. 94.

¹⁶ Idem, *ibidem*, p. 226, citando como referência Eliade, M. “La terre, la femme et la fecondité”. In: *Traité d'histoire des religions*. Paris, 1949, cap. 7, pp. 211-231.

¹⁷ Idem, *ibidem*, p. 226.

¹⁸ Idem, *ibidem*, p. 227.

¹⁹ Cf. Fabricius, op. cit., p. 46.

²⁰ Verificar a obra de Ana Maria Alfonso Goldfarb, *Da alquimia à química: um estudo sobre a passagem do pensamento mágico-vitalista ao mecanicismo*. São Paulo, Nova Stella/Edusp, 1988, p. 29.

²¹ Tal desenho foi extraído da obra *Alchemy...*, de Johannes Fabricius, p. 56.

²² Cf. Goldfarb, op. cit., p. 36.

²³ A autora se refere ao *princípio de correspondência* de Hermes Trismegisto, encontrado na Tábua de Esmeralda, o qual afirma: “O que está acima é correspondente ao que está embaixo, e o que está embaixo é correspondente ao que está acima”. Pesquisas sobre o tema podem ser feitas na obra *Três iniciados – O Caibalion – Estudo da filosofia hermética do Antigo Egito e da Grécia*, publicada em São Paulo pela Editora Pensamento, sem data.

²⁴ Cf. Goldfarb, op. cit., pp. 25-26.

²⁵ Esta repreensão da *Anima Mundi* se encontra no *Tratado da natureza*, do Cosmopolita. Cf. Roger, B. *Descobrimos a alquimia*. São Paulo, Pensamento, 1997, pp. 50-51.